

ENTRE RASTROS E SILENCIAMENTOS DA INFÂNCIA: PROCESSOS DE MEDICALIZAÇÃO

DA ROCHA FARIAS ZAHN, Jomar¹
ALTOÉ, Alini²
BARROS DE BARROS, Maria Elizabeth³

Resumo

Neste artigo nos propomos a pensar a infância como potência de criação, convocamos o poema Desobjeto de Manoel de Barros que nos traz a imagem do pente que nas mãos de uma criança torna-se múltiplos mundos, o texto nos aponta caminhos de uma infância para além de categorias adultocentradas. Ela não imita, mas cria mundos a partir de restos e fragmentos, desorganiza a lógica adulta e fabula mundos. A medicalização e a medicamentalização operam como dispositivo de silenciamento que muitas vezes transformam gestos e invenções em sinais e sintomas, apagando a dimensão social, cultural e política da infância. A apostila ética, estética e política emerge da imagem do pente desobjetalizado do poema de Manoel de Barros a tornar-se um educador trapeiro que colhe rastros, restos, acompanha traços descontínuos, gestos e singularidade, recusa-se a se fechar em diagnósticos e normas de desenvolvimento, recolhendo os fragmentos da infância para compor outros mundos.

Palavras-chave: Infância. Medicalização. Educador trapeiro.

A criança e o brincar

O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente. O pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada. Dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem uma pedra um caramujo um sapo. Era alguma coisa nova o pente. O chão teria comido logo um pouco de seus dentes. Camadas de areia e formigas roeram seu organismo. Se é que um pente tem organismo. O fato é que o pente estava sem costela. Não se poderia mais dizer se aquela coisa fora um pente ou um leque. As cores a chifre de que fora

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisadora do Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalhado / UFES. E-mail: jomar.educacao@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisadora do Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho / UFES Psicóloga do Instituto Federal do Espírito Santo - Campus São Mateus. E-mail: alinialtoe@hotmail.com

³ Professora titular do Departamento de Psicologia e da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, Professora dos Programa de Pós-Graduação Psicologia Institucional e Educação da Universidade Federal do Espírito Santo

feito o pente deram lugar a um esverdeado musgo.
Acho que os bichos do lugar mijavam muito naquele
desobjeto. O fato é que o pente perdera a sua
personalidade. Estava encostado às raízes de uma
árvore e não servia mais nem para pentear macaco.
O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta,
justamente ele enxergara o pente naquele estado
terminal. E o menino deu para imaginar que o pente,
naquele estado, já estaria incorporado à natureza como
um rio, um osso, um lagarto. Eu acho que as árvores
colaboravam na solidão daquele pente.
(Desobjeto, Manoel de Barros)

Ao brincar com os destroços de um pente a criança fabula. O jogo e a imaginação rompem com a linearidade do tempo e da linguagem. Ela desmancia o objeto que está carregado de significantes, cria outros signos. O pente se torna uma folha dentada ou um leque, também pode viajar pelo céu de uma cidade, carregar alimentos em sua carroceria e contar tantas outras histórias. Nesse movimento a criança experimenta o mundo em sua potência. Ao brincar a criança inventa mundos, desordena a lógica dos adultos, renova o velho, dramatiza papéis e experimenta o novo (Benjamin, 2009). Quando brinca a criança experimenta o mundo em sua multiplicidade.

A criança, aqui, não é sinônimo de etapa ou fase do desenvolvimento, não corresponde a uma categoria identitária. Ou, ainda, a criança não é um “adulto em falta”, incompleto, nem um “sujeito imaturo”, incompetente, em processo de crescimento. Não equivale a uma visão romantizada de infância como pura e benevolente.

A criança porta a experiência. Ela está envolvida numa trama de fios históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos, inserida no campo problemático de seu tempo histórico. Muitas vezes a criança é atravessada pelas desigualdades de raça, gênero e classe.

Habitar o mundo passa pela brincadeira, um gesto de criar uma entorse às normas e representações impostas.

Ao brincar ela não imita os adultos e seus mundos. Ela (re)cria mundos em suas brincadeiras, ela brinca de ser professor, mãe, pai, filho e, também, redemoinho, dragão, trator, nuvem e mar. Funde-se ao ar e a água. Cria relações que não obedecem a lógica dos adultos, inventa uma outra língua como Manoel de

Barros em suas memórias de infância. Ela fantasia com o que para o adulto é desprezível, resto.

A brincadeira é um modo de relação com o mundo. A criança não se conforma com os significantes impostos pelos adultos, ela desobjeta o pente, faz outros usos dele, cria outros signos. Ela mistura materiais diferentes, encontra semelhanças entre eles. A esterilidade do pente ganha vida, transforma-se em folha dentada que se mistura ao chão.

Ela brinca de repetir o deslocamento da folha dentada pelo ar até pousar no chão, os xixis dos bichos que impregnam o pente de verde musgo, os cuidados paliativos ao pente em estado terminal. Uma repetição que cria uma relação nova e original com os restos de um pente a cada sobrevoou, mijada e acolhida. É nesse jogo mimético, prazeroso, que a criança recria a experiência, produzindo o conhecimento de si e do mundo.

Na repetição, no fazer mais uma vez que a criança cria relações com o mundo, não para imitar os adultos, como se fossem eles, mas apesar deles cria relações que lhe são próprias.

Ela garimpa no mundo dos adultos, nos quintais de sua casa cacos de um pente descartado e recria relações com ele, lhe empresta movimento e vitalidade. Cria para si um mundo, marcado pelas singularidades da criança, saboreia prazerosamente o jogo de recriar incessante e intensamente a experiência.

1 A criança e a educação

Convocamos Manoel de Barros e Benjamin para pensar a criança e a educação, um diálogo como aposta ética, estética e política a fim de realizar uma torção num certo modo de conceber a infância, que a limita a modelos comportamentais que indiquem pureza e benevolência, e que a menor diferença apresentada deve ser investigada, mapeada para evitar riscos.

Ao dizer o que é desejável e indesejável para as crianças, produz-se a normalização da infância. Discursos e práticas que não se limitam a reprimir comportamentos e ações, mas fabricam sujeitos, orientam condutas e produzem categorias de existência (Foucault, 1979).

Fabricam sujeitos em série, como as bonecas numa prateleira de uma loja de brinquedos, sintéticas, recheadas de adereços, cores e formas que as uniformizam. Seres formatados, com poucas brechas para a invenção de mundos e modos de viver. Algumas falam e fazem xixi, outras imitam nos pequenos detalhes a aparência dos humanos. A representação de um eu totalitário, um corpo unificado em uma forma fixa que se repete pelos comércios das cidades, sutis capturas do capitalismo.

Subjetividades *prêt-à-porter*, modos de vida que tentam enclausurar as crianças em padrões. Portfólios catalogam os melhores modelos. E aquilo que escapa, transborda, sobra é classificado, desqualificado e descartado.

Nesta esteira emergem a medicalização e a medicamentalização da infância. As crianças são reduzidas a questões médicas e a fármaco-química passa a ser o recurso privilegiado para tratamento do problema, da doença, do déficit ou do transtorno. As dimensões sociais, econômicas, culturais, tecnológicas, pedagógicas e políticas são desconsideradas na produção dos diagnósticos e no cuidado em saúde (Carneiro, 2021).

Cada vez mais precoce, as crianças são submetidas a rastreios, na busca de avarias. Os laudos técnicos emitem pareceres sobre o funcionamento de seus pequenos corpos. Os saberes médicos prescrevem: “leia atentamente o manual de instruções” para garantir o melhor desempenho. Nada pode escapar ao controle domesticável da família e da escola.

O jogo mimético e a fantasia perdem espaço para as lógicas e objetivos que os adultos idealizam para as crianças, visam a adaptação, conformação dos pequenos corpos. Na esteira da produção industrial a experiência não tem lugar, o que desvia do padrão deve ser desprezado, descartado.

1.2 Educador trapeiro

No diálogo com Manoel de Barros e Benjamin surge a imagem de um educador trapeiro, aquele que acompanha os traços descontínuos, irregulares e sem intencionalidade que as crianças portam, não para fechar diagnósticos, gestos para implodir a linearidade das fases do desenvolvimento, as prescrições dos saberes médicos e pedagógicos que dizem: aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade, andar até um ano e seis meses, ler aos seis anos e tantas outras.

Um educador que recolhe os rastros, não para preencher as lacunas de uma história, procurando a origem dos fenômenos ou para catalogar os sinais e os

sintomas. O trapeiro convoca a subverter os objetos que ele cata, produzir mundos outros.

Apostamos na criação de desvios, no devir-criança, não convém afirmar uma representação de criança, pensar no processo singular que constitui as subjetividades, um devir-criança que resiste à fixação de identidades estáveis (Deleuze; Guattari, 1995). O devir, não se trata se encaixar e se conformar a comportamentos e condutas, nem mesmo retornar a “um estado puro”, “idealizado” mas abertura para linhas de fuga, para aquilo que insiste em escapar, emergir e criar novos modos de vida. A criança lança mão de expressar sua singularidade, escapando ao movimento de “normalização”.

O educador trapeiro se detém nos: restos, sobras, fragmentos que se recusam às capturas de um diagnóstico ou classificação, o que escapa torna-se potência da diferença. Não compõe com o silenciamento, a normalização, se movimenta na direção de não apagar os desvios, mas compor com eles, como o menino, Manoel de Barros, com os cacos de um pente.

Medicalizar se cola a uma política de silenciamento, o diagnóstico antecipa a narrativa da criança, cria-se um território de categorizações. Ao etiquetar uma criança por um laudo médico impede-se a escuta, ao normalizar sufoca-se o processo de criação, a prescrição apaga a potência do devir. Perde-se nesse percurso a escuta do que se diz, como se dá a criação fora da padronização.

Vale uma ressalva, no Brasil, o uso das nomenclaturas neuropsiquiátricas é o que viabiliza o acesso a direitos ao tratamento e atendimento especializado em educação.

Com essa produção de silenciamentos, a narrativa emerge no movimento de contraposição, a experiência só se transmite por meio da narrativa, e essa transmissão não é uma simples repetição de fatos, mas uma transformação criadora (Benjamin, 2012), quem narra e quem escuta são capturados num movimento de fluxo e forças. O olhar que sobrevoa a infância vai para além de etapas do desenvolvimento, um território povoado de experiências e linguagens que desafiam e desestabilizam a categoria adultocentradas.

2 Alguns apontamentos

13 a 17 de outubro de 2025

Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES
São Mateus – ES



O silenciamento nos convoca a deslocar o conceito de infância não na direção de um vir a ser que precisa em todo momento de correção, até chegar em um padrão de adulto, mas como potência de vida em ato.

Quando escutamos as crianças somos afetados porque escutamos o mundo de maneira múltiplas, a história contada, o gesto do brincar, a palavra que compõe a tessitura do narrar estilhaça o diagnóstico. Os restos, os fragmentos, os ritmos, as palavras interrompidas, a invenção, a recusa, porta a força do viver que não pode ser reduzida a um Código Internacional de Doenças (CID).

Escutar nos convoca a formular outras perguntas, essas que não antecipam a resposta. Em vez de indagar a criança sobre os não, como: “não consegue” ou “não alcança”, questionemos: “como está criando aqui?”, “como esse gesto desloca?”, “que mundo possíveis se abre quando essa história é contada?”. Escutar é deixar-se afetar pelo que nos desloca, fissura.

A experiência tende a ser empobrecida pela racionalização, controle e ordem que tendem a uniformizar o viver, a infância ainda porta uma força capaz de insurgir o mundo. Benjamim (2012) indica que o movimento trapeiro equivoca os objetivos estabelecidos pelo mundo dos adultos e recolhe o que parece desprezível. Assim, a criança não será conduzida a uma evolução para se tornar um adulto, sustenta-se uma escuta atenta ao que se anuncia como diferença.

Ao validar a lógica do diagnóstico, cada gesto, cada resto da infância, cada sobra corre o risco de ser silenciada. E esse corpo criança estará sujeito a uma catalogação. Foucault (2011) já nos advertiu sobre o poder que classifica e normaliza, todo excesso, fragmento e imprevisto são vistos como desvios a serem corrigidos.

O pente desgastado de Manoel de Barros que se desobjeta e torna-se leque, torna-se asa, torna-se movimento incessante, o educador trapeiro porta um gesto de colher restos, fragmentos, rastros o movimento não parte do princípio de preencher lacunas, aponta para um começo e meio no processo de criação sem se preocupar com a completude.

Cada gesto da criança é um devir, uma fuga a captura das normas, porque porta uma abertura ao imprevisível, nessa esteira a educação não transmite saberes, ela acompanha processos e sustenta as diferenças.

Recusar a captura da infância pelo diagnóstico se faz num movimento de tensionar a medicalização, não é negar cuidados à saúde. (Re)existir ao

silenciamento é reafirmar a potência da diferença em que cada criança porta um universo singular em criação, a escola torna-se espaço de invenção, como o pente de Manoel de Barros que se transforma ao ser tocado, um território de devir, criação e transformação.

Referências:

- BARROS, M. Desobjeto. In: BARROS, M. **Memórias inventadas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018. p. 19.
- BENJAMIN. W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2. ed. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2009.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- CARNEIRO, C. Entre o remédio e o corpo inquieto: de qual infantil falamos? **Política & Sociedade**. v. 20, n. 47, p. 313-355, 2021.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

professora titular da Universidade Federal do Espírito Santo